a arte da conservação
técnicas e métodos de conservação em arte rupestre

O objectivo do presente volume é o de apresentar e avaliar as experiências de conservação levadas a cabo nos últimos dois anos no Vale do Côa, bem como as soluções propostas pelas empresas de conservação de pedra que participaram neste projecto para mitigar as dinâmicas erosivas em acção nos afloramentos com arte rupestre. Inclui pareceres de peritos internacionais em conservação de arte rupestre, e levanta questões sobre as várias intervenções propostas. Integra ainda as conclusões mais relevantes de um projecto de monitorização sísmica do território do Parque Arqueológico do Vale do Côa.

entidades organizadoras do congresso:

Centro Nacional de Arte Rupestre

Parque Arqueológico Vale do Côa

entidades financiadoras da edição:

CCDRC Comissão de Coordenação da Região Centro

Programa Operacional da Região Centro

Governo da República Portuguesa

União Europeia Fundo Europeu de Desenvolvimento Regional

02

a arte da conservação técnicas e métodos de conservação em arte rupestre

02

a arte da conservação
técnicas e métodos de conservação em arte rupestre

III congresso de arqueologia
trás-os-montes, alto douro e beira interior

actas das sessões

Vila Nova de Foz Côa, 18 de Maio de 2006

02

a arte da conservação
técnicas e métodos de conservação em arte rupestre

III congresso de arqueologia
trás-os-montes, alto douro e beira interior

actas das sessões

Vila Nova de Foz Côa, 18 de Maio de 2006

índice

4 **prefácio**
Emílio António Pessoa Mesquita

5 **introdução**
António Pedro Batarda Fernandes

12 acta 1
Monitorização Sísmica do Território do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC)
Idalina Veludo, Luís Matias e Paula Teves Costa

29 acta 2
Conservação das rochas com gravuras do Vale do Côa: intervenção piloto, núcleo da Canada do Inferno
Luís Machado

43 acta 3
Estudo prévio de conservação das rochas gravadas no núcleo de arte rupestre da Penascosa - Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC)
Fátima de Llera, Marco Marques, Madalena Rodrigues e Carlos Catita

81 acta 4
Projecto de experimentação prévia para a conservação de uma rocha gravada e de uma rocha-tipo, do núcleo da Ribeira de Piscos, no Parque Arqueológico do Vale do Côa
Marta Raposo e Nuno Proença

103 acta 5
Limites estéticos e éticos na intervenção de conservação de superfíces de arte rupestre do Vale do Côa
António Pedro Batarda Fernandes

114 acta 6
Problemas e estratégias de conservação das rochas gravadas e apreciação das intervenções-piloto no Parque Arqueológico do Vale do Côa
J. Delgado Rodrigues

124 acta 7
Comments on treatment proposals for rock art at Foz Côa
Valerie Magar

130 acta 8
Propuestas de conservación directa en Foz Côa: una valoración
Fernando Carrera Ramírez

138 acta 9
Préservation et conservation de l'Art Rupestre dans la Vallé du Côa (Portugal): rapport d'une visite de terrain dans trois sites expérimentaux
François Soleilhavoup

ficha técnica

Editor

Associação Cultural Desportiva e Recreativa de Freixo de Numão

Título

Actas do III.º Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior

Coordenação do Congresso

Alexandra Cerveira Lima, António Martinho Baptista, António Sá Coixão

Coordenação Editorial das Actas

Alexandra Cerveira Lima, André Tomás Santos, António Martinho Baptista, António Sá Coixão, Luís Luís

Coordenação Científica da Sessão

António Pedro Batarda Fernandes e Rosa Jardim

Coordenação da Publicação

António Pedro Batarda Fernandes

Autores

António Pedro Batarda Fernandes, Carlos Catita, Emílio António Pessoa Mesquita, Fátima de Llera, Fernando Carrera Ramírez, François Soleilhavoup, Idalina Veludo, J. Delgado Rodrigues, Luís Machado, Luís Matias, Madalena Rodrigues, Marco Marques, Marta Raposo, Nuno Proença, Paula Teves Costa, Valerie Magar

Gestão Editorial

Setepés.Arte

Revisão de Textos

António Pedro Batarda Fernandes

Design

Gina Ferreira

Pré-Impressão, Impressão e Acabamentos

???

1ª Edição, 2008. Porto

ISBN: 978-972-99799-3-4

Depósito Legal

Tiragem

1000 Exemplares

introdução

As experiências de conservação da arte rupestre do Vale do Côa e a sua avaliação

António Pedro Batarda Fernandes
(Arqueólogo, Coordenador do Programa de Conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa)

Os trabalhos preparatórios de conservação da arte rupestre do Vale do Côa

O objectivo do presente volume é o de apresentar e avaliar as experiências de conservação levadas a cabo nos últimos dois anos no Vale do Côa em Rochas-Tipo[1] bem como as soluções propostas pelas empresas de conservação de pedra que participaram neste projecto para mitigar as dinâmicas erosivas em acção nos afloramentos com arte rupestre. Nesta introdução geral ao volume iremos apresentar sumariamente os problemas de conservação que determinaram decisivamente as intervenções piloto de conservação realizadas bem como um esquema sucinto das propostas das empresas de conservação. Este volume no seu todo compreende os textos da responsabilidade das três empresas convidadas que explanam o trabalho de análise e experimentação por elas realizados e os pareceres de 4 peritos internacionais em conservação de arte rupestre complementados ainda com a análise do signatário às questões éticas e estéticas que as intervenções propostas possam suscitar. Paralelamente, julgou-se oportuna a inclusão neste volume dum texto com as conclusões mais relevantes de um projecto de monitorização sísmica do território do Parque Arqueológico do Vale do Côa levado a cabo pelo Centro de Geofísica da Universidade de Lisboa.

Sendo a conservação de painéis de arte rupestre ao ar livre que têm como suporte o xisto uma actividade com características algo únicas no mundo, as referências bibliográficas sobre o assunto não abundam e as poucas existentes apenas dão conta das consequências negativas, nomeadamente duma evolução mais rápida de dinâmicas erosivas previamente existentes bem como o surgimento de outras, que intervenções realizadas de uma forma um pouco 'amadora' provocaram (ver, por exemplo, Devlet e Devlet, 2002: 93). Assim, foi julgado como conveniente, após sugestão de Delgado Rodrigues, geólogo do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), consultor do Programa de Conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PCPAVC) em questões de conservação, e um dos peritos cujo parecer podemos encontrar também neste volume –, encetar uma série de trabalhos preparatórios de conservação.

Refira-se que foram convidadas três empresas portuguesas de conservação de pedra – Compósito, Nova Conservação e In Situ – a participar nestes trabalhos de modo a ficarem disponíveis análises variegadas e complementares às temáticas de conservação de afloramentos de xisto no seu ambiente natural. A cada uma destas três empresas foi atribuído um dos três Núcleos de Arte Rupestre abertos ao público, tendo estas posteriormente escolhido quer as rochas de arte rupestre, quer as Rochas-Tipo, sobre as quais incidiriam os seus trabalhos de análise, por um lado, e experimentação, por outro. De referir ainda que nesta primeira fase dum projecto para o estabelecimento de metodologias de intervenção, o PCPAVC deu total liberdade aos participantes de escolherem as abordagens, técnicas e materiais segundo as quais nortearíam os seus trabalhos, sem contudo deixar de definir como objectivos a análise das dinâmicas erosivas presentes no afloramento gravado escolhido e a experimentação prévia na Rocha-Tipo respectiva escolhida em função das suas semelhanças, em termos erosivos, com a rocha de arte seleccionada. Os trabalhos de ensaio nas Rochas-Tipo seleccionadas decorreram durante o ano de 2004.

Posteriormente, em Maio de 2006, realizou-se em Vila Nova de Foz Côa, integrada no III Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, e por nós coordenada, a Sessão "A arte da conservação (Técnicas e métodos de conservação em arte rupestre)", onde foram apresentadas as comunicações que deram origem aos textos aqui apresentados. Contudo, se bem que a Sessão tivesse durado apenas um dia, o necessário trabalho preparatório decorreu nos dias precedentes. Os peritos internacionais – Valerie Magar, do ICCROM (International Center for the Study of Preservation and Restoration of Cultural Property); Fernando Carrera Ramírez, da ESCRG (Escola Superior de Conservación e Restau-

[1] Afloramentos sem gravuras mas com dinâmicas erosivas semelhantes aos das rochas insculturadas.

ración de Galicia); François Soleilhavoup, do GERME (Groupe d'Étude et de Recherche sur les Milieux Extrêmes) e Delgado Rodrigues, do LNEC – tiveram oportunidade de presenciar *in situ* as intervenções realizadas apresentadas pelos responsáveis das empresas de conservação, podendo assim desenvolver uma opinião mais fundamentada. Incluídas na Sessão, e após a apresentação do trabalho realizado pelas empresas, as comunicações preparadas por estes peritos constituíram um parecer instrumental para o prosseguimento do PCPAVC. Pensamos que a singularidade do trabalho realizado pelas empresas juntamente com os pareceres avisados emitidos pelos peritos justificam por si só a publicação ~~n~~este volume, que pretende ser uma contribuição precursora para a definição das estratégias de intervenção na conservação de arte rupestre ao ar livre.
Ao longo desta introdução procuraremos fornecer uma ilustração sucinta dos problemas de conservação mais determinantes da arte rupestre do Côa. Lançaremos ainda algumas pistas para a avaliação destes trabalhos, relacionadas com questões de autenticidade e integridade do objecto de intervenção conservativa, os afloramentos de arte rupestre, que desenvolveremos num outro texto presente neste volume.

Problemas determinantes de conservação dos suportes da arte rupestre do Vale do Côa
Como já em outras ocasiões (ver Fernandes, 2003; Fernandes, 2004 e Fernandes, 2005) analisámos de uma forma exaustiva o contexto global (Geológico, Geomorfológico, Biológico, Climático ou Sócio-Económico) de conservação da arte do Côa, apresentando ainda o Programa de Conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa ~~(PCPAVC)~~, iremos cingir esta breve explanação aos problemas de ordem mecânica que afectam a estabilidade dos painéis de arte rupestre e que determinaram as prioridades estabelecidas para os testes de acções de conservação realizados em três Rochas-Tipo do Vale do Côa.
Os afloramentos gravados do Vale do Côa situam-se nas encostas íngremes que ladeiam o curso do rio Côa ou dos seus tributários. Aliás, foi o próprio processo de encaixe do rio e seus afluentes que desencadeou a exposição dos painéis suportes de motivos de arte rupestre (Fernandes, 2004: 11). A maioria dos afloramentos gravados situa-se no sopé destas encostas, embora painéis existam que se localizam a meia encosta e mesmo no topo destas vertentes. Sendo que os sopés das encostas que se precipitam sobre o Côa se localizam a cotas entre os 100 e 150 metros, Baptista e Garcia Díez (2002: 198), num artigo sobre a organização simbólica da arte rupestre do Vale do Côa, haviam já notado, de acordo com os dados disponíveis na altura e ainda não desmentidos, que a maioria dos afloramentos inscritos e sítios de arte rupestre se situam entre estas duas cotas. De notar ainda que, sendo o Côa um rio geologicamente jovem, o perfil das suas encostas é naturalmente em V sendo a inclinação dessas vertentes bastante acentuada, atingindo nalguns casos os 25% de desnivelamento (*ibidem*: 190) (ver Fig. 1).
Assim, consequência do posicionamento topográfico acima descrito, a instabilidade das vertentes é o problema fundamental de conservação dos afloramentos de arte rupestre do Côa. Como motor desta instabilidade temos as dinâmicas de carácter coluvional: a força da gravidade impele encosta abaixo sedimentos e fragmentos de maiores ou menores dimensões fraccionados dos afloramentos situados a cotas mais elevadas por acção da sismicidade ou da pluviosidade. Por outro lado, os próprios afloramentos (gravados ou não), localizados na base das vertentes, constituem-se como um 'calço' impeditivo da estabilização das encostas. Só o inexorável mas moroso processo de desmantelamento destes afloramentos poderá proporcionar um maior nivelamento e portanto estabilidade às encostas (Rodrigues, 1999: 1).
Toda esta acção coluvional, agravada pela pluviosidade, provoca grande instabilidade nas vertentes e nos próprios blocos gravados. Grande parte de todo o catálogo identificado de

tipos de erosão em acção nos afloramentos (ver Rodrigues, 1999) tem como origem a instabilidade das vertentes. A erosão actua desde escalas macro-locais – i.e. toda a encosta – a escalas micro-locais – áreas restritas dos painéis insculturados – e originando ou contribuindo para acelerar a evolução de fenómenos erosivos como o *toppling* ou a fracturação (ver Fernandes, 2004: 12-17). Apesar da região possuir um regime pluviométrico bastante moderado (ver Fernandes, 2005: 161), as águas pluviais e a sua percolação contribuem também para enfraquecer os afloramentos, ao agravarem o ritmo de erosão provocado por fracturas preexistentes. A localização de afloramentos em leito de cheia é ainda outro factor que contribui para a instabilidade de alguns painéis de arte rupestre (ver Fig. 2).

Em suma, foi esta dinâmica de erosão mecânica dos afloramentos de arte rupestre do Côa que as experiências de conservação realizadas nos últimos dois anos tentaram enfrentar, propondo e testando soluções passíveis de mitigar a sua acção e evolução. Outras questões de conservação de origem biológica (como a colonização liquénica) ou mesmo geológica (conservação da película siliciosa que cobre os painéis – ver Fernandes, 2004: 16-17) não foram objecto directo de intervenção nas experiências efectuadas. Isto porque, se por um lado, se afigura a estabilidade mecânica das vertentes como o maior problema de conservação da arte do Côa, a verdade é que algumas das soluções ensaiadas nos testes contribuem também colateralmente para a resolução de alguns problemas de ordem biológica (como o crescimento de plantas inferiores e superiores enraizadas nos sedimentos que preenchem caixas de fractura) e mesmo geológica (com o estabelecimento de canais de escorrimento das águas pluviais que evitem a percolação de maciços e painéis gravados).

A evolução das dinâmicas erosivas que afectam os afloramentos gravados do Vale do Côa pertence a uma escala de tempo dificilmente mensurável no tempo humano. Por outro lado, o xisto presente na região e onde a grande maioria dos motivos rupestres foi inscrita, possui características de notável resistência e durabilidade (Ribeiro, 2001: 54), como se pode comprovar na Figura 3. No entanto, noutros casos os processos erodentes manifestam-se de forma lenta mas inexorável, como é ilustrado na Figura 4.

As propostas das empresas

Será talvez útil começar por indicar os dados referentes a cada empresa. Assim, pela Nova Conservação temos como técnicos responsáveis Nuno Proença e Paula Coghi tendo sido seleccionadas no Núcleo de Arte Rupestre da Ribeira de Piscos a Rocha 1 como painel a analisar e um afloramento situado imediatamente por detrás e a poucos metros da Rocha 1 como Rocha-Tipo (Nova Conservação, 2004). Já no caso da Compósito, Luís Machado foi o técnico responsável pela análise à Rocha 1 do Núcleo de Arte Rupestre da Canada do Inferno e pelos testes efectuados na Rocha-Tipo situada em frente do cais fluvial instalado neste Núcleo (Compósito, 2004). Pela empresa In Situ o técnico responsável foi Fátima de Llera tendo os trabalhos de análise sido realizados na Rocha 5 do Núcleo de Arte Rupestre da Penascosa. Como Rocha-Tipo da Penascosa foi escolhido um afloramento situado junto ao parque de estacionamento deste Núcleo (In Situ, 2005).

Em virtude da 'carta branca' dada às empresas participantes, estas apresentaram abordagens próprias e variegadas. De qualquer modo, a Nova Conservação e a Compósito tiveram perspectivas algo semelhantes centrando os seus esforços na proposição e experimentação de materiais e técnicas de conservação. Todos os materiais experimentados terão a sua evolução natural dentro do contexto em que foram inseridos devendo a monitorização dessa evolução nas Rochas-Tipo sujeitas a teste ser o mais alargada possível no tempo, de modo a conhecermos exactamente o que esperar de cada material testado. Já a In Situ, embora também experimentando materiais, centrou mais a sua proposta na compreensão de tudo o que

está a montante de uma intervenção de conservação; ou seja, na análise das causas e efeitos das dinâmicas erosivas em acção. Assim, esta empresa efectuou estudos de estabilidade, trabalhos preparatórios de criação dum sistema de monitorização topográfica dos afloramentos e das vertentes onde estes se encontram, bem como uma caracterização desenvolvida de factores sísmicos, geomorfológicos ou climáticos da região. Uma das conclusões mais interessantes em relação à rocha estudada, a nº 5 da Penascosa, é a da situação estável da vertente, considerando uma percolação pouco significativa das diaclases ditada pelo regime pluviométrico brando regional, e, com excepção de uma, de todas as diaclases que esta rocha apresenta. E dizemos interessante porque à partida se considerou (nós próprios e a equipa de trabalho da In Situ), empiricamente, que este afloramento se encontrava instável. Tal conclusão traduz a necessidade de se desenvolverem estudos aprofundados sobre a estabilidade das vertentes e das diaclases, porque, permitirão estabelecer graus de urgência de intervenção.
O resultado destes trabalhos prévios, que globalmente reputamos como muito relevantes, e devido à liberdade de abordagens e execução pretendidas, apresenta-nos alguma diversidade de análises e propostas que, no seu todo, contribui claramente para a definição e implementação duma metodologia correcta de intervenção nos afloramentos de arte rupestre. Apesar disto, uma das pechas que se pode apontar a estes testes é a certa semelhança dos materiais testados nas Rochas-Tipo, nomeadamente a utilização recorrente de argamassas à base de cal hidráulica, o que resulta do campo de actuação tradicional das três empresas seleccionadas. Como estas são empresas de conservação de pedra especializadas em intervenções de conservação de fachadas, ou paramentos de monumentos históricos tal facto determinou uma abordagem algo semelhante nos materiais utilizados nos afloramentos teste. Logo, o espectro de aplicação de materiais não foi, infelizmente, tão alargado como poderia ser.
Outra questão, também referida nos relatórios das empresas, reside na reversibilidade das intervenções. Se bem que estes relatórios façam menção ao facto dos materiais e técnicas utilizados serem reversíveis, a verdade é que cremos, como a edição coordenada por Oddy e Carroll (1999) evidencia, que nenhuma intervenção de conservação é 100% reversível. Estes autores sugerem mesmo que a reversibilidade em conservação ou restauração do património é, de um modo geral, um mito apetecível. Mesmo que os materiais utilizados possam ser retirados de uma forma que não deixem nenhuns vestígios, a verdade é que uma intervenção de conservação muda de facto o objecto intervencionado. Tal como não se pode pôr o tempo a 'andar para trás', a acção de reversão não faz retroceder o objecto ao estado em que ele subsistia antes da primeira intervenção, transformando-o sim numa outra coisa, já somatório das acções de intervenção e de reversão. Logo parece-nos importante, que a partir do momento em que se decidir avançar com uma acção se tenha consciência que de facto se vai alterar (')para sempre(') o objecto de arte rupestre e que não existem acções de reversão que possam inverter totalmente esse resultado.
Os afloramentos de arte rupestre do Côa são um 'objecto de arte' – no sentido que contêm em si motivos inscritos como de valor artístico universal – que tem vindo a existir há já vários milénios num dado espaço, sujeitos, no entanto, às acções erosivas naturais, apresentando assim um estado de conservação contingente. Um dos objectivos de todo este projecto era o de analisar formas de conciliar as questões éticas e estéticas com a mitigação das dinâmicas erosivas em acção nos afloramentos de arte rupestre, mormente nos mais degradados. Intervir, mesmo que actuando com a filosofia de intervenção minimal que norteou a abordagem das empresas contratadas, implicará sempre modificar o estado actual desse objecto de arte, o que nos coloca perante o desafio de conciliar intervenções futuras com a preservação da autenticidade e integridade dos objectos de arte rupestre.

figuras

fig. 01 O encaixe do rio do Côa na zona da sua foz. De notar a inclinação das vertentes escavadas precisamente pelo encaixe do rio. Nesta zona constata-se a influência da albufeira da barragem do Pocinho, construída em 1984 no rio Douro e a montante da foz do Côa. Assim, o nível natural das águas do Côa seria cerca de 10 - 12 metros mais baixo. O nível presente do Côa impede a visualização de zonas ribeirinhas muito declivosas e que nesta área apresentam razoável número de painéis de arte rupestre agora submersos. Nesta área, existem também zonas não submersas e mesmo situadas a meia encosta com afloramentos gravados de cronologia Paleolítica e da Idade do Ferro.

fig. 02 Estado do afloramento que contem a rocha 1 da Ribeira de Piscos logo após as cheias invernais de 2004/2005

fig. 03 Pormenor da rocha 5 B da Penascosa. A figura caprínea de cronologia Paleolítica, gravada pela técnica de abrasão, está representada em dois planos diferentes, devido a fracturação do suporte pétreo. Como se observa facilmente, esta fractura é anterior ao episódio de gravação, sendo que eventualmente motivos mais antigos gravados por picotagem poderão ter sido interrompidos pela fracturação evidente. Esta figura, se por um lado demonstra, tal como a seguinte, a erosão que os suportes da arte do Côa sofrem, por outro sublinhará a grande durabilidade dos painéis, pois o motivo capríneo sobrevive, apesar da fracturação intensa em acção nesta rocha, desde o Paleolítico Superior. (Foto: Baptista, 1999: 104).

fig. 04 Esta figura caprínea assinala de modo exemplar a perda de partes de motivos (bem como sugere a ocorrência da desaparecimento de motivos completos) que a erosão do suporte xistoso pode provocar. Assinale-se, no entanto, que este motivo sobreviverá desde o período Solutrense (cerca de 18 000 anos BP) de acordo com a proposta de atribuição cronológica (pontuada com um ponto de interrogação, é certo) de António Martinho Baptista. De qualquer modo, é de realçar, que apesar da intensa pressão a que é sujeito, este motivo perdura ainda de forma quase completa. Esta figura e a anterior sublinham também o estudo caso a caso a que se deve proceder, quer aquando da análise do estado de conservação dos painéis, quer na implementação de intervenções de conservação. (Foto: Baptista, 1999: 80).

bibliografia

BAPTISTA, A. M.; GARCÍA DÍEZ, M. (2002) – *L'art paléolithique dans la vallée du Côa (Portugal): la symbolique dans l'organisation d'un sanctuaire de plein air.* In SACCHI, D., ed. - *L'art paléolithique à l'air libre: le paysage modifié par l'image* (Tautavel, Campôme, 7-9 octobre 1999). Saint-Estève: GAEP; GÉOPRE, p. 187-205.

COMPÓSITO (2004) – *Conservação das rochas com gravuras do Vale do Côa: estudo e proposta de intervenção (Núcleo da Canada do Inferno).* [Relatório entregue pela Compósito, Lda ao PAVC no âmbito do projecto de experimentação prévia de soluções de conservação para a arte rupestre do Vale do Côa].

DEVLET, E.; DEVLET, M. (2002) – *Heritage Protection and Rock Art Regions in Russia. In L'art avant l'histoire : La conservation de l'art préhistorique : 10es journées d'études de la Section française de l'institut international de conservation*, Paris, 23-24 Mai 2002. Paris: SFIIC, p. 87-94.

FERNANDES, A. P. B. (2003) – *O sistema de visita e a preservação da arte rupestre em dois sítios de ar livre do Nordeste português: o Vale do Côa e Mazouco.* Revista Portuguesa de Arqueologia. Lisboa. 6:2, p. 5-47.

FERNANDES, A. P. B. (2004) – O *Programa de Conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa: Filosofia, objectivos e acções concretas*. Revista Portuguesa de Arqueologia. Lisboa. 7:1, p. 5-37.

FERNANDES, A. P. B. (2005) – *Programa de conservação do Parque Arqueológico do Vale do Côa: Primeiros resultados da estação sismológica e da estação metereológica em funcionamento no PAVC.* Côavisão. Vila Nova de Foz Côa. 7 (Actas do I Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior), p. 159-166.

IN SITU (2005) – *Estudo prévio de conservação das rochas gravadas do núcleo de arte rupestre da Penascosa - Parque Arqueológico do vale do Côa (PAVC).* [Relatório entregue pela In Situ, Lda ao PAVC no âmbito do projecto de experimentação prévia de soluções de conservação para a arte rupestre do Vale do Côa].

NOVA CONSERVAÇÃO (2004) – A*nálise e projecto de conservação da rocha nº1 (com gravuras) e de uma rocha-tipo no núcleo da Ribeira de Piscos.* [Relatório entregue pela Nova Conservação, Lda ao PAVC no âmbito do projecto de experimentação prévia de soluções de conservação para a arte rupestre do Vale do Côa].

ODDY, A.; CARROLL, S., eds. (1999) – *Reversibility – Does It Exist?* London: British Museum.

RIBEIRO, M. L. (2001) – *Notícia explicativa da carta geológica simplificada do Parque Arqueológico do Vale do Côa.* Vila Nova de Foz Côa: Parque Arqueológico do Vale do Côa.

RODRIGUES, J. D. (1999) – *Conservação da Arte Rupestre do Parque Arqueológico do Vale do Côa.* [Relatório 241/99 – Gero, LNEC. Trabalho realizado para o Parque Arqueológico do Vale do Côa].